

O PARTIDO DE DEUS NO LÍBANO: histórico e atividades

Cmt. Int. Eliane Schroder de Moura
Abin

O grupo Hizballah¹, nome em árabe composto pelas palavras *Hizb* (partido) e Allah (Deus), foi criado em 1982/83 por militantes xiitas e membros da Guarda Revolucionária iraniana, no Vale do Bekaa, leste do Líbano. O objetivo, à época, era lutar contra a invasão israelense, sendo que sua condição de entidade política foi reconhecida somente em 1989. Além dos muçulmanos xiitas, este grupo abriga também drusos, sunitas e cristãos. A organização atua no sul do Líbano e em alguns subúrbios mais pobres de Beirute.

A instância suprema da organização é o Conselho Consultivo de Decisão, com onze membros, presidido por Hassan Nasrallah, secretário-geral, um radical carismático que esteve envolvido em várias operações terroristas. Esse conselho elabora a agenda político-militar no exterior, em cooperação com Teerã/Irã. O Conselho Consultivo possui, em última instância, o poder de decisão e julga todos os assuntos em razão de sua gravidade, em particular, as questões de segurança. O líder máximo da organização é o aiatolá iraniano Ali Khamenei.

No campo espiritual, a figura mais importante da organização é o xeque Mohamad Hussein Fadllalah, que desfruta de status especial, o de guia supremo. Ele ocupa o cargo mais elevado na hierarquia religiosa islâmica, o que lhe faculta grande influência sobre os ativistas do Hizballah.

Os membros combatentes do Hizballah recebem treinamento, apoio, ajuda financeira e material da Guarda Revolucionária

¹ Variações: Hezbollah, Hizbollah, Hizbolá ou Hizbullah.

iraniana. O grupo raramente reivindica para si atos terroristas específicos, mas sim para seus codinomes, tais como Jihad Islâmica, Jihad Islâmica para a Libertação da Palestina, Organização dos Oprimidos sobre a Terra, Organização da Justiça Revolucionária.

O Hizballah mantém relações externas, notadamente, com o Irã e a Síria, de quem recebe apoio político, militar, econômico e civil. Além das relações externas, mantém contatos com outros grupos radicais islâmicos fora do Líbano, como o Hamas, na Palestina.

O grupo foi muito atuante no início da década de 1980, tendo atingido seu ápice no período de 1984 a 1989. Em seguida, limitou suas ações e concentrou suas forças no combate aos israelenses no sul do Líbano.

O Hizballah mantém células em várias partes do mundo, com ampla infra-estrutura no Oriente Médio, na África Ocidental e na Europa. Devido à existência de expressiva colônia na América Latina, pode dispor de eventual apoio neste continente. Em razão das inúmeras ações terroristas desenvolvidas pelo Hizballah, no curto período de sua existência, além de outros eventos descobertos antes de sua execução, fica patente a capacidade de organização e mobilização de suas células.

Internamente, o Hizballah está empenhado em remover do Líbano a influência dos Estados Unidos da América (EUA) e da França, combater a atuação política dos cristãos e neutralizar definitivamente a interferência israelense nos assuntos internos libaneses. Outros objetivos são estabelecer um Estado islâmico no país e encontrar uma solução consensual para os problemas resultantes da pluralidade religiosa nacional.

A população libanesa de, aproximadamente, 4,5 milhões de habitantes é bastante fragmentada em termos religiosos, com 38% de cristãos (26% de católicos maronitas e 12% de ortodoxos) e 62% de muçulmanos (34% xiitas, 21% sunitas e 7% drusos). Esse

mosaico cria várias dificuldades à governabilidade do país e a sua própria estabilidade institucional.

Com a aquiescência do governo libanês, o Hizballah, desde seu surgimento, não apenas se consolidou no sul do país como também se fortaleceu com armas e munições vindas da Síria e do Irã. Pelo menos um terço da população libanesa é xiita e se identifica com o grupo, e parte dos dois terços restantes passou a apoiar a milícia após os ataques israelenses de 2006. As atividades do Hizballah concentram-se em três frentes: política, assistência social e resistência armada.

A participação do partido na política libanesa é ativa. No ano de 1992, em sua primeira disputa por vagas nas eleições libanesas, conquistou 12 das 128 cadeiras no Parlamento. Em 1996, foram dez assentos e em 2000, oito. Nas eleições gerais de 2005, das seis cadeiras que ainda possuía, o Partido de Deus passou a um total de 25 e, após uma aliança com o grupo xiita Amal, que conquistou dez outras cadeiras, o Hizballah passou a contar com 35 deputados no Parlamento Libanês.

O trabalho social realizado pela organização abrange não apenas os xiitas, mas também sunitas e cristãos libaneses. Essas atividades filantrópicas visam a obter o apoio da população muçulmana, com destaque para a administração de hospitais e escolas; financiamento de pensões às famílias de mártires² e atividades de reconstrução do Líbano após os ataques de Israel.

Não obstante a atuação política e social, o Hizballah continua sendo uma força de resistência à intrusão de tropas israelenses no sul do Líbano. Apesar da retirada de Israel dessa região, ocorrida em maio de 2000, Tel Aviv ainda mantém ocupada uma área de aproximadamente 25 km² denominada Fazendas de Shebaa. Confrontos nessa região entre as forças israelenses e militantes do Hizballah são freqüentes.

² Mártir é o muçulmano que entrega sua vida na luta pela disseminação do Islã, não importando a maneira como essa morte possa vir a ocorrer.

O último confronto ocorreu em julho de 2006, quando um comando do grupo libanês seqüestrou dois soldados israelenses, desencadeando uma operação de resgate e retaliação. A ofensiva israelense baseou-se no argumento de que o Líbano descumprira os dispositivos da Resolução nº 1.559 do Conselho de Segurança das Nações Unidas, que determina o desmantelamento e desarmamento do Hizballah e o estabelecimento do exército regular libanês na fronteira.

O governo israelense explicou que as ações militares não visavam ao governo ou à população libaneses, mas sim ao Hizballah, que estava infiltrado no sul do território do Líbano, de onde atacava seu país. Desde a retirada das tropas israelenses daquele local, o exército libanês nunca ocupou efetivamente a região, deixando um vácuo de poder que fora ocupado pelo Hizballah.

Desde agosto de 2006, um frágil cessar-fogo entre Israel e o Hizballah vem sendo mantido. A Organização das Nações Unidas (ONU) já iniciou o envio de força de paz, porém é improvável que esta se arrisque para desarmar a milícia xiita, embora seja esse o propósito da missão.

O Hizballah é considerado terrorista por Israel, pelos EUA, pelo Canadá, alguns países da Europa e pelo Parlamento Europeu. Numerosas ações violentas contra alvos estadunidenses e israelenses são atribuídas ao grupo, tais como os ataques contra a Embaixada dos EUA e o acampamento do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA em Beirute (outubro de 1983); o ataque ao anexo da embaixada americana em Beirute (setembro de 1984); os seqüestros de 17 estadunidenses e outros ocidentais (1984 a 1988) e do vôo 847 da TWA (1985); os atentados à Embaixada de Israel na Argentina (1992) e à Associação Mutual Israelita Argentina (1994).

Atualmente, após o confronto entre o Hizballah e Israel, este país se encontra em situação mais delicada que a anterior aos bombardeios de julho de 2006. Primeiramente, porque o grupo xiita libanês sobreviveu a essa guerra e, por isso, passou a ser considerado vitorioso, angariando mais adeptos e recursos para

suas ações, que podem retornar com mais força no futuro. Em segundo lugar, a existência de Israel, um país com seis milhões de habitantes, cercado por 350 milhões de muçulmanos, sempre dependeu da crença na invencibilidade de suas forças de defesa. Esse mito foi derrubado, pois o objetivo inicial de “eliminar o Hizballah” não foi atingido, podendo encorajar outros grupos e até exércitos de países muçulmanos a um futuro embate contra o país.

O governo libanês enfrenta, no momento, uma difícil escolha, pois, se não encontrar uma forma de desarmar o Hizballah, pode se tornar alvo de outras ações militares israelenses e de isolamento internacional. Se confrontar o Hizballah e tentar tirar suas armas, arrisca rachar o governo recém-formado e gerar nova guerra civil.

Devido à determinação das partes, mesmo que Israel retire seus soldados da pequena faixa de terra conhecida por Fazendas de Shebaa, área reclamada pelo Hizballah, este continuará provendo ajuda a grupos palestinos. Desta feita, mantém sua característica de movimento de resistência, arrastando este tipo de guerra por anos.

Referências:

BYERS, Ann. **Lebanon's Hezbollah**: inside the world's most infamous terrorist organizations. New York, NY: Rosen Publishing Group, 2002.

COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. **Hezbollah (a.k.a. Hizbollah, Hizbu'llah)**. New York, NY, Jul. 17, 2006. Disponível em: <www.cfr.org/publication/9155/>

GLOBAL SECURITY.ORG. Washington, DC. Disponível em: <www.globalsecurity.org/military/world/para/hizballah.htm>

ISLAMIC resistance: Lebanon. Disponível em: <<http://www.moqawama.org/english/index.php>>



Você sabia?

Que há um programa para divulgar a Abin?

O Programa Conhecendo a Abin tem como objetivo apresentar às gerações futuras o que é a Abin e como ela trabalha visando a conscientizar e a valorizar a atividade de Inteligência junto aos jovens e buscando despertar o interesse pela carreira de Inteligência. Os Programas “Escola Visita a Abin”, destinado às crianças e estudantes de ensino fundamental e médio, e “Universidade Encontra a Abin”, destinado aos estudantes do ensino superior, apresentam, anualmente, a centenas de jovens brasileiros, o papel do órgão responsável pela coordenação da atividade de Inteligência no Brasil. Contatos por meio de: acom@abin.gov.br

Que em 7 de dezembro de 2006, a Abin inaugurou, em Brasília, o Museu da Inteligência? Do acervo do Museu constam objetos e documentos relativos aos cinco períodos históricos da atividade de Inteligência no Brasil que, em 2007, está completando 80 anos de atuação. Além das peças em exposição, há banners, painéis e exposições áudio-visuais sobre a atividade de Inteligência.

Visitas guiadas ao Museu de Inteligência podem ser agendadas pelo telefone (61) 3445-8549 ou pelo e-mail museudainteligencia@abin.gov.br.